



Esquadrão da Morte em *Última Hora*: texto e narrativa na cobertura jornalística¹

Alexandre Enrique Leitão²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O presente artigo irá analisar as estratégias textuais percebidas no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, em sua cobertura do grupo de extermínio autodenominado Esquadrão da Morte, durante 1968, ano de seu surgimento. Através desse procedimento objetivamos identificar possíveis influências de gêneros ficcionais sobre a produção do texto jornalístico em matérias de cunho policial, produzidas pela imprensa brasileira em meados do século XX. Para tanto, iremos nos valer de teses de: Muniz Sodré, sobre a configuração histórica do gênero noticioso a partir do contato constante deste com o campo literário e, em especial, com o subgênero do romance policial; Umberto Eco, sobre a existência de um paradigma narrativo de construção semântica da realidade; e Mikhail Bakhtin, que encara o surgimento de gêneros literários enquanto atrelado a processos sócio históricos específicos.

Palavras-chave: polícia; violência; jornalismo; narrativa; espaço.

1. Introdução

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Alexandre Enrique Leitão é mestre em Comunicação Social pela UFRJ, onde defendeu em 2018 a dissertação “O Esquadrão da Morte na Imprensa Carioca: a construção narrativa da experiência social e a legitimação da violência policial”. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: alexandreeleitao@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo abordar o histórico da cobertura jornalística desenvolvida pelo periódico carioca *Última Hora (UH)* acerca do grupo de extermínio autodenominado Esquadrão da Morte (EM), surgido em 1968. Produto do recrudescimento do ciclo de violência policial testemunhado na cidade do Rio de Janeiro desde a criação do Serviço de Diligências Especiais (SDE), em 1958 – primeiro dos grupamentos especiais da Polícia Civil que marcariam as décadas de 1950 e 1960, sendo um dos primeiros, segundo o jornalista Adriano Barbosa, a contar com a permissão do Estado para “matar bandidos considerados de alta periculosidade e irre recuperáveis” (BARBOSA, 1971, p. 31) – o EM se notabilizaria por expor os corpos de suas vítimas em locais públicos, como beiras de estradas e terrenos baldios, e alertar diversos órgãos de imprensa (através de porta-vozes que atendiam por codinomes como “Rosa Vermelha”) sobre o paradeiro dos mesmos – os quais eram acompanhados de cartazes com desenhos, autos de acusação e mensagens, além do símbolo do grupo: uma caveira com os ossos cruzados e a sigla EM. A organização se valia assim da divulgação que então lhe era concedida por jornais como *UH* afim de ratificar seu poder simbólico e discursivo junto à sociedade carioca. Apenas em 1968, seu primeiro ano de existência, o Esquadrão da Morte teria executado 250 pessoas no Rio de Janeiro (COSTA, 2004, p. 379). Tendo sua existência inicialmente negada por operadores da política de segurança pública do regime militar, o EM passaria a ser coibido após a publicidade de suas ações na imprensa estrangeira, no início dos anos 1970. Existindo em uma espécie de interseção entre o aparato policial, a estrutura de repressão política do regime militar e o submundo do crime e da contravenção, sendo denunciado por manter ligações com o tráfico de drogas e o jogo do bicho, o Esquadrão da Morte seria tema de incontáveis matérias jornalísticas, livros e filmes. O interesse específico deste trabalho em torno de *Última Hora*, entretanto, se justifica pelo fato deste ter realizado uma extensa cobertura sobre o grupo de extermínio no de 1968, e em segundo lugar pelo mesmo, desde a década de 1950, ter se consolidado como um dos mais importantes e inovadores jornais populares do país, reunindo inovações técnicas e empresariais, à utilização de fórmulas antigas, como folhetins e caricatura, tal qual apontado por Ana Paula Goulart Ribeiro (2000).

O objetivo do presente artigo é, portanto, avaliar que procedimentos e estratégias textuais teriam pautado a cobertura de *UH*, partindo da análise de todas as suas notícias e reportagens, do ano de 1968, nas quais o Esquadrão figurasse como tema – pesquisa que vem sendo realizada há dois anos. No mês de maio, crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte figuram como objeto de matérias em apenas 9 edições (entre matutinas e vespertinas)³, número que passa para 11, em junho. Percebe-se então uma redução considerável na cobertura de atos do EM entre julho e setembro, tendo presença: em 9 edições em julho; 2 em agosto; 2 em setembro. Já em outubro, o EM figura em 20 edições. As menções ao Esquadrão voltam a ter considerável frequência nos dois últimos meses de 1968, com o grupo figurando em 21 edições do mês de novembro, e em 15 do mês de dezembro – vale considerar que no acervo de *Última Hora* presente no Arquivo online do *Estado de São Paulo* (o qual foi a principal fonte de consulta desta pesquisa) constam poucas edições matutinas do periódico referentes ao mês de dezembro.

O que se percebe nos dois últimos meses é: a consolidação de um discurso crítico em relação ao Esquadrão, que passa a ser qualificado de maneira negativa por *UH*, destacando o uso que o grupo de extermínio faz da sevícia; a percepção de que o EM talvez esteja correndo risco de ser reprimido pelo regime militar; e o relato de uma possível expansão do grupo para o estado de São Paulo (cujo próprio Esquadrão da Morte começa a aparecer nas páginas de *Última Hora*). Porém, mais do que avaliar potenciais posicionamentos favoráveis ou contrários ao EM este artigo buscará determinar quais procedimentos narrativos podem ser identificados na cobertura conferida ao Esquadrão, e em que medida estes podem nos assistir a identificar estruturas textuais presentes no jornalismo policial produzido no Rio de Janeiro em meados do século XX. Afim de atingirmos este intuito iremos nos valer de conceitos elaborados por Muniz Sodré (ao identificar a influência histórica exercida pela literatura sobre o gênero jornalístico), Umberto Eco (que propôs a conformação, no curso do século XIX, de um paradigma narrativo de construção da realidade), e noções de gênero textual produzidas por Mikha-

³ Vale ressaltar que os exemplares de *Última Hora* presentes na hemeroteca Digital do *Estado de S. Paulo* por vezes não se encontram completos – sendo possível considerar que o EM figure em páginas não disponibilizadas.

il Bakhtin. Entretanto, para que tais objetivos sejam alcançados, requer-se primeiramente contextualizar historicamente o jornal *Última Hora*.

2. O Esquadrão de maio a setembro de 1968: *Última Hora* e influências literárias no texto jornalístico

Ao se analisar os meses de maio e junho de 1968 nas páginas de *UH*, quando do aparecimento das primeiras vítimas do Esquadrão da Morte, percebem-se dois fenômenos de não pouca relevância: 1) o jornal dedica atenção especial a eventos internacionais, reservando sua primeira página, corriqueiramente, para manchetes e chamadas referentes às manifestações estudantis de Paris, em maio daquele ano, com contínuas menções a uma possível renúncia do presidente Charles De Gaulle (o que se poderia cogitar ter relação com a presença de Samuel Wainer, proprietário e fundador de *UH* na Europa, onde se encontrava exilado e portanto, no centro dos acontecimentos); 2) A seção policial do jornal, ainda que aborde os casos do EM e demais ocorrências de violência, volta a maior parte de seu espaço ou a crimes passionais, acompanhados de cobertura melodramática (como o caso de um pai de 14 crianças, que teria assassinado sua senhoria após ser despejado com sua família⁴), ou a eventos como assaltos. Neste segundo caso, o jornal não deixa de pintar um cenário de caos na cidade. Apenas na edição de 22 de maio (poucas semanas após o surgimento da primeira vítima do Esquadrão – Sérgio de Almeida Araújo), o jornal insere em sua página 8, três chamadas sobre assaltos, com duas delas assumindo uma retórica hiperbólica: “Colégios da ZS pedem

⁴“DESPEJADO COM OS 14 FILHOS MATOU SENHORIA”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 8, 24 mai. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4166. Acessado em: 10/06/2018.

socorro”⁵; “Banco foi assaltado no subúrbio”⁶; e “Cidade tem um crime por hora e até professor é assaltante”⁷.

Diferentemente da cobertura que o Esquadrão viria a receber nas páginas de *UH* no segundo semestre daquele ano, ele pouco figura nas edições do jornal em seus dois primeiros meses de existência. Porém, nesse ínterim, alguns dos traços que viriam a caracterizar as matérias de *Última Hora* sobre o EM já se veem estabelecidas: referência e publicação dos comunicados do porta-voz do Esquadrão (escritos por vezes em discurso direto); uso de fotografias; e elaboração de *suítes*⁸ que criam uma ideia de conectividade narrativa entre as matérias referentes ao EM (com a divulgação de ameaças do grupo a determinados alvos e subsequente elucidação sobre o cumprimento ou não das mesmas). Ainda que a *suíte* seja um recurso amplamente presente no jornalismo, questionamos se, neste caso, ao serem instrumentalizadas para a propagação de ameaças, elas não seriam utilizadas para prender a atenção de um presumido público-leitor, aproximando-se da estrutura narrativa capitular dos folhetins, como se ao fazê-lo *UH* se aproximasse de produtos culturais em parte definidos pela frase: “E não percam os próximos episódios”.

Tal ponto dialoga diretamente com a análise histórica produzida por Muniz Sodré, em seu livro *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento* (2009). Neste, o autor analisa as estruturas e estratégias narrativas percebidas na conformação do discurso jornalístico e em que consistiria o gênero da notícia (alertando para como o mesmo é capaz de assistir na conformação de uma determinada temporalidade, a partir de definição de um presente, e da elaboração de fatos e acontecimentos). Ressaltando o

⁵“COLÉGIOS DA ZS PEDEM SOCORRO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 mai. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4160. Acesso em: 10/06/2018.

⁶“BANCO FOI ASSALTADO NO SUBÚRBIO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 mai. 1968. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4160. Acesso em: 10/06/2018.

⁷“CIDADE TEM UM CRIME POR MINUTO E ATÉ PROFESSOR É ASSALTANTE”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 mai. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4160. Acesso em: 10/06/2018.

⁸ Do francês “suíte”, refere-se a uma matéria jornalística que dá continuidade a tema abordado na edição anterior do jornal, explorando os desdobramentos do fato.

“valor de realidade” (SODRÉ, 2009, p. 143) e o uso determinante de uma linguagem informacional no que concerne à produção da notícia, Sodré reitera como a existência do jornalismo junto ao circuito de produção de textos que denominamos “literatura” ajuda-nos a perceber mútuas influências entre narrativas declaradamente ficcionais e não-ficcionais, em especial após o surgimento, no curso do século XX, de novas estratégias e técnicas de produção textual (em grande medida associadas a transformações no âmbito do jornalismo), as quais teriam reconfigurado a maneira de se construir e consumir narrativas: “Na esfera da narrativa a informação pode de fato hibridizar-se com qualquer recurso expressivo, literário ou imagístico, a exemplo da moderníssima imagem *infográfica* ou do desenho tradicional” (Ibidem, p. 202).

Tendo em parte essas conclusões por base, o autor demonstra como a ligação intestinal de estratégias discursivas declaradamente ficcionais e aquelas de caráter jornalístico se veria expressa sobremaneira no romance policial, que se encontraria em certa medida imbuído dos mesmos interesses demonstrados pelo *fait-divers*, texto noticioso que “publiciza os aspectos mais insólitos, senão sórdidos, da vida privada” (Ibidem, p. 250). O romance policial se aproximaria do gênero jornalístico também ao abarcar os seguintes pontos: sua trama é comumente iniciada por um acontecimento inesperado e desconcertante, como o aparecimento de um corpo ou o desaparecimento de determinado personagem, fato que desencadeia a investigação, por meio da qual o detetive particular deverá, a partir da utilização de um saber indiciário, elucidar o mistério e retrazar o percurso dos fatos que geraram o enredo; ele é organizado, em geral, a partir de uma estética realista e objetiva, atinente com aquela presente no texto jornalístico; e traduz uma preocupação moralizante não muito distante daquela identificada no discurso auto-legitimador do jornalismo, que se arroga o dever de resguardar e educar a sociedade civil:

De fato, a principal função ideológica desta literatura é a demonstração da estranheza do crime. Caracterizando o criminoso como algo à parte, um ser estranho à razão natural da ordem social, o romance policial faz parte dessa pedagogia do poder que, através da diferenciação dos ilegalismos, constitui e define a delinquência. (Ibidem, p. 260)

A influência em *Última Hora* de gêneros literários sobre a produção do texto jornalístico pode ser constatada a partir da pesquisa de Ana Paula Goulart Ribeiro acerca do impacto de *UH* junto à imprensa carioca, quando de sua fundação, na década de 1950. Este teria sido um decênio de considerável importância na história do jornalismo brasileiro, em virtude de inúmeras transformações técnicas e administrativas percebidas junto a diversos periódicos. No âmbito administrativo, teria havido a alteração dos modelos empresariais dos mesmos, visando a uma maior “racionalização do processo de produção e circulação da matéria jornalística” (RIBEIRO; In: BASTOS, MOREL, FERREIRA (orgs.), 2006, p. 427). Em termos técnicos teriam ocorrido também mudanças no que tange a aspectos editoriais, visuais e redacionais. Influenciada por um modelo jornalístico norte-americano, a imprensa carioca teria gerado “novos padrões de produção discursiva, autonomizando-se em relação às esferas literária e política” (Idem), passando a incorporar “o ideal de objetividade” (Idem). Tratou-se da chegada de um tipo de jornalismo, caracterizado pela profissionalização de quadros e pela modernização organizacional, linguística e editorial. Porém, em sua tese, Ribeiro também aponta em que medida o caso de *Última Hora* teria também sido diferenciado. Em parte, isso se deu porque Samuel Wainer, ao mesmo tempo:

(...) inovou (na diagramação, no uso de cor e de fotografia, no conteúdo redacional e nas estratégias administrativas) e ressuscitou fórmulas antigas (como o folhetim, a caricatura e o colunismo), que haviam em outras épocas, garantido o sucesso de muitas publicações. (RIBEIRO, 2000, p. 123)

Ainda que o cenário do jornal na segunda metade da década de 1960 fosse distinto daquele de sua fundação (estando Samuel Wainer exilado), o jornal demonstrava manter certos padrões textuais pelos quais optara quando de sua criação, como se percebe na cobertura realizada acerca do EM. A primeira vez que este surge em *UH* é em sua edição de 07 de maio de 1968 com a chamada: “Morte com a marca da caveira – ladrão morre marcado”⁹, posta sobre a foto de dois homens que cercam, com a mão na cintura, o corpo de Sérgio de Almeida Araújo, vulgo Sérgio “Gordinho”. No texto de capa, *UH* abre não com o *lead* (estruturado em torno de “o quê, quando, onde, porque, como,

⁹ “MORTE COM A MARCA DA CAVEIRA – LADRÃO MORRE MARCADO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 1, 07 mai. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4121. Acessado em: 10/06/2018.

quem, quando?”), mas sim com uma sentença atrelada à função poética para transmitir a notícia:

O telefone tocou de madrugada e avisaram ao repórter de plantão que um homem acabava de ser morto pelo Esquadrão da Morte. No local indicado, na Barra da Tijuca, estava o corpo de um jovem crivado de balas, com um cartaz que trazia a marca da caveira e os dizeres: “Eu era ladrão de automóvel”. A um canto, a inscrição “nº 2” e no verso, um nome: Sérgio Gordinho. A polícia tem esse crime e uma onda de assaltos para investigar.¹⁰

Além do uso de métodos literários no texto, chama atenção a contínua referência a assaltos. A matéria continua na página 10, com a sugestiva chamada: “Ladrão de automóveis o homem executado na Barra da Tijuca”¹¹. Além de dados sobre a vestimenta e os antecedentes criminais da vítima (apontado pelo jornal como “elemento perigoso”, e “sendo respeitado entre os puxadores de carro pela audácia com que agia”¹²), *UH* frisa que essa se encontraria “manietada e com uma corda passada em volta do pescoço”¹³, além de atentar para detalhes como a quantidade de tiros identificada – “dois tiros de calibre 45 na nuca e mais dois de mesmo calibre nas nádegas” – e uma descrição mais precisa do cartaz, colocado sobre “as costas, (...) onde se lia, encimado por uma caveira e duas tíbias cruzadas, os seguintes dizeres: Eu era ladrão de automóveis”¹⁴. A menção ao “nº 2”, localizado na parte de trás do cartaz, faz com que o texto cogite “que ‘Sérgio Gordinho’ não era o primeiro”¹⁵. Na matéria, que ocupa o alto da página 10 da edição matutina, sendo dividida em quatro colunas, enfatizam-se as condições através das quais *Última Hora* teria sido informado do caso:

Alguém que alegava a condição de componente do Esquadrão da Morte comunicou ao repórter Alaor Barreto, de UH, pouco depois da execução do bandido, o que se havia passado na Barra da Tijuca. A alegação era a de que

¹⁰ Idem.

¹¹ “LADRÃO DE AUTOMÓVEIS O HOMEM MORTO NA BARRA DA TIJUCA”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 10, 07 mai. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4121. Acessado em: 10/06/2018.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

“Sérgio Gordinho” havia roubado o carro de um dos membros do Esquadrão. Nenhum documento ou valor foi encontrado com o cadáver.¹⁶

Perceba-se como a matéria não se furta a descrever a vítima como um “bandido”, ainda que consiga dar espaço para o depoimento do pai da mesma, José Secundino de Araújo, 2º sargento da Marinha, que declara: “A Polícia nada vai fazer, tenho certeza, para pegar os assassinos”¹⁷. Na edição vespertina, a matéria voltaria a ocupar a capa, com a chamada: “O castigo da caveira – Ladrão morre marcado”¹⁸. A partir daí a cobertura de *Última Hora* em torno do Esquadrão nos meses seguintes será marcada por algumas linhas gerais: o acompanhamento em caráter serializado das ameaças do grupo, averiguando se este viria a cumpri-las; e a publicação destas com o fornecimento de espaço para que o porta-voz do EM, “Rosa Vermelha” pudesse expor não apenas informes sobre as vítimas do grupo mas também o suposto posicionamento político deste.

3. O Esquadrão de outubro a dezembro de 1968: paradigmas narrativos de construção da realidade

A mencionada continuidade nas estratégias textuais de *UH* pode ser percebida no curso do mês de outubro de 1968, quando ocorre um aumento significativo no número de notícias e reportagens publicadas acerca do Esquadrão, muitas delas contando com retranca própria e mesmo com uma logo, utilizada para identificar as notas referentes ao grupo de extermínio: uma imagem similar à impressão de um carimbo, com o símbolo da caveira e dos ossos cruzados, envolta pela inscrição “Scuderie Le Cocq”¹⁹. É no mês de outubro que se verá a exposição de fotos de vítimas do EM na primeira página de *UH*, acompanhados tanto nesta quanto na seção policial do periódico de títulos como: “Polícia não pára de matar deixando pistas à vontade junto ao homem que roía as

¹⁶ *Idem.*

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ “O CASTIGO DA CAVEIRA – LADRÃO MORRE MARCADO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 1, 07 mai. 1968. Edição vespertina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4123. Acessado em: 10/06/2018.

¹⁹ Organização fundada em 1965 por policiais em homenagem ao detetive Milton Le Cocq. O símbolo desta era uma caveira com os ossos cruzados e a sigla “EM”.

unhas”²⁰; “Esquadrão da morte fuzila mais um lançando manifesto: - É lei do cão”²¹; “Vítima 200+1 do EM”²²; “Pena de morte proibida vira rotina no Rio”²³. Vejamos, à guisa de exemplo, o caso da matéria “Vítima 200+1 do EM”. Com a chamada colocada na coluna central da página 16 da edição vespertina de 8 de outubro de 1968, a mesma é encimada por outra chamada, de tamanho menor: “Polícia não para de matar deixando pistas à vontade junto ao homem que roía as unhas”²⁴. Ladeando a chamada central, duas fotos são inseridas: a da esquerda mostra uma mão segurando uma medalha de São Jorge e o cartaz da caveira com os ossos cruzados; e a da direita mostra o corpo da vítima do EM, deitada de bruços sobre a grama, com a camisa levantada, revelando dois buracos de tiros em suas costas. A matéria reserva espaço especial para detalhes da cena, ressaltando elementos como a condição física do corpo da vítima, e os itens que foram achados consigo, como na seção da matéria iniciada com o subtítulo “Corda” – a qual apresenta uma estrutura semelhante a de um romance policial, contando inclusive com hipóteses acerca das circunstâncias em que a execução teria ocorrido:

Corda

O desconhecido estava bem barbeado e tinha os sapatos engraxados. Suas mãos eram finas, de pessoa não acostumada a trabalhos grosseiros. No pescoço, uma marca profunda de corda, idêntica a já encontrada em outros crimes do EM, principalmente nas vítimas que aparecem em Bangu e Campo Grande. Também eram visíveis os sinais de algemas nos pulsos do morto. A sola dos seus sapatos apresentava também marcas de tinta azul, em forma de sulcos, como se a vítima tivesse lutado, desesperadamente, para não morrer, recusando-se a sair de um quarto ou um carro recentemente pintado de azul. Resíduos da mesma tinta estavam nos cabelos, calça e camisa, nesta principalmente nos cotovelos, mais uma evidência da luta desesperada pela vida

²⁰ “VÍTIMA 200+1 DO EM”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 16, 02 out. 1968. Edição vespertina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4498. Acessado em: 10/12/2018.

²¹ “ESQUADRÃO DA MORTE FUZILA MAIS UM LANÇANDO MANIFESTO: - É LEI DO CÃO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 1, 08 out. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4512. Acessado em: 10/12/2018.

²² “VÍTIMA 200+1 DO EM”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 16, 08 out. 1968. Edição vespertina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4498. Acessado em: 01/10/2018.

²³ “PENA DE MORTE PROIBIDA VIRA ROTINA NO RIO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 1, 07 out. 1968. Edição vespertina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4508. Acessado em: 10/12/2018.

²⁴ “VÍTIMA 200+1 DO EM”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 16, 02 out. 1968. Edição vespertina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4498. Acessado em: 10/12/2018.

que foi travada pelo estranho contra seus algozes. Pode-se deduzir que ele saiu de uma prisão para morrer, de vez que estava sem o cinto, sendo que este é recolhido sempre que uma pessoa é colocada no xadrez, precaução tomada pela Polícia para que o preso não se suicide.²⁵

Percebe-se além de um esforço narrativo, atrelado à tentativa de reconstituição de cenas que, ao menos até onde se pode atestar, o redator da matéria não testemunhou, também a aceitação prévia da culpabilidade da vítima. O uso de fotografias que revelavam o corpo desnudo das vítimas do EM também pode ser identificado em outras matérias do mês de outubro, caso da chamada “‘Esquadrão’ da pena de morte fuzila em massa”²⁶, presente na capa da edição matutina de 7 de outubro de 1968, que é acompanhada de fotografia que toma quase ¼ da página. Nesta se veem três corpos, vestidos apenas de bermuda, amontoados sobre um chão de terra e capim. Seus rostos não são visíveis, mas sobre os três encontra-se um cartaz com o símbolo da caveira e os ossos cruzados, encimado pela marca “EM”. A seu lado, é colocada a chamada da matéria:

Mais três homens, identificados apenas como “marginais irrecuperáveis”, foram executados sábado pelo Esquadrão da Morte. Desta vez houve, porém, um requinte de escárnio e sadismo. Os três cadáveres estavam amarrados e entrelaçados como se um beijasse o outro. O número de tiros calibre 45 era incontável. Como incontável é também o total de vítimas do Esquadrão da Morte.²⁷

Note-se que mesmo associando termos de caráter negativo como “sadismo” e “escárnio” ao Esquadrão, a aura de implacabilidade deste é reiterada, com a chamada sugerindo que o número de suas vítimas não seria passível de contabilização. Outro dado perceptível nas matérias de *UH* acerca do EM, reside no espaço cada vez maior conferido ao porta-voz do grupo, “Rosa Vermelha”, que além de receber uma plataforma de exposição em discurso direto, opera enquanto gancho (*cliffhanger*) narrativo, tendo suas ameaças publicadas na matéria. A esse respeito, pode-se mencionar a veiculação por parte do jornal de um manifesto do Esquadrão da Morte, transmitido por “Rosa Vermelha”, e publicado na edição do dia 08 daquele mês. Vale pontuar a menção, na matéria,

²⁵ Idem.

²⁶ “‘ESQUADRÃO’ DA PENA DE MORTE FUZILA EM MASSA”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 1, 07 out. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4507. Acessado em: 10/12/2018.

²⁷ Idem.

do tempo que o repórter levou para apreender a fala que lhe era transmitida, da inserção do mesmo na notícia, que pode ser encarada como uma estratégia narrativa de busca pela imersão do público-leitor não apenas no texto enquanto produto de um gênero informativo, mas também enquanto um enredo de mistério, e a descrição das pretensões intelectuais e suposta formação acadêmica de “Rosa Vermelha” (as quais operariam tanto como qualificação positiva do mesmo quanto descrição de uma personalidade singular, aproximando-se do interesse do gênero dos *fait-divers* por fatos curiosos):

Cérebro

Durante 10 minutos Rosa Vermelha voltou a falar ontem com o repórter de ÚLTIMA HORA. Disse que é conhecido como “O Cérebro” pelos companheiros do grupo de execução de bandidos considerados “irrecuperáveis”. Afirmar ser formado em Filosofia e ditou a seguinte nota oficial do EM:

A voz do Esquadrão da Morte ao povo da Guanabara: muitos dos nossos já tomaram vítimas de assaltantes e criminosos sanguinários. O povo é testemunha que esses bandidos não respeitam crianças, velhos, senhoras e trabalhadores. Assaltam e matam sem nenhuma piedade. Nós trabalhamos apenas com uma intenção: defender a família que mora e trabalha nesse Estado. A distância entre a Justiça e a Polícia nem sempre permite um combate mais eficaz ao crime e aos criminosos. Assim, só nos resta falar a mesma linguagem deles: a lei do cão. Sempre que contarmos com o apoio do Secretário de Segurança que queira ver a cidade livre do crime, nós trabalharemos. Foi assim na época do General Kruehl²⁸, do Coronel Borges²⁹ e está sendo agora com o General França³⁰. Esperamos que o distinto povo da Guanabara compreenda nossa intenção.³¹

Pode-se questionar se a aproximação entre gêneros textuais ficcionais e o jornalístico (percebida na cobertura dada ao EM) não apontaria para a construção semântica da própria questão da segurança pública, nas páginas de *UH*, como uma narrativa, marcada pela presença de protagonistas (policiais) e antagonistas (bandidos), e balizada em uma trama voltada para a resolução de uma quebra (atos criminais e de delinquência) em determinada ordem naturalmente instituída. Em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994), Umberto Eco relata como exemplo deste fenômeno o caso do Protocolo dos

²⁸ General Amaury Kruehl, Chefe de Polícia do Distrito Federal entre 1957 e 1959.

²⁹ Coronel Gustavo Eugênio de Oliveira Borges, Secretário de Segurança da Guanabara no governo de Carlos Lacerda (1960-1965).

³⁰ General Luiz França de Oliveira, Secretário de Segurança no governo de Negrão de Lima (1965-1971).

³¹ “OUTRO FUZILADO PELO ESQUADRÃO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 20, 08 out. 1968. Edição vespertina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4514. Acessado em: 10/12/2018.

Sábios de Sião – teoria conspiratória propagada na Rússia, no início do século XX, segundo a qual o povo judeu estaria tramando a conquista do mundo e a destruição da sociedade cristã, a qual teria assistido no recrudescimento do antissemitismo e na eclosão dos *pogroms* (ataques sistemáticos contra populações judaicas no Império Russo). Para Eco, os Protocolos atestariam para um processo de crescente indefinição dos limites entre o real e o ficcional, percebido após um processo de contínua expansão e disseminação do gênero textual do romance na Europa, durante o século XIX, cujo exemplo mais célebre seria o fato de muitos leitores “terem acreditado e ainda acreditarem que Sherlock Holmes tenha existido de fato” (Ibidem, p. 131). Porém, outro fenômeno decorrente da transposição de modelos ficcionais para a realidade material seria “nossa tendência a construir a vida como um romance” (Ibidem, p. 135). Cabe questionar se um fenômeno semelhante não poderia ser percebido na escolha por uma cobertura serializada em torno do Esquadrão da Morte nas páginas de *UH*.

4. Conclusão: o Esquadrão nos últimos meses de 1968

As menções ao Esquadrão voltam a ter considerável frequência nos dois últimos meses de 1968, com o grupo figurando em 21 edições do mês de novembro, e em 15 do mês de dezembro. O que se percebe nestas é sobretudo a consolidação de um discurso crítico em relação ao EM que passa a ser qualificado de maneira negativa por *UH*. Tal se percebe na atenção voltada ao *modus operandi* das execuções do Esquadrão na edição matutina de 7 de novembro de 1968, cuja matéria “Delegado já tem caixão” é iniciada com o seguinte texto de abertura:

O Esquadrão da Morte, condenado com veemência pela parte sadia do organismo policial, voltou a matar e o fez com tamanho requinte de sadismo que provocou engulhos nos policiais e jornalistas que, por dever de ofício, foram ver a última vítima, um rapazola ainda imberbe, crivado de balas, esfaqueado e com a garganta rasgada, como se fora um inimigo pessoal dos carrascos. As denúncias contra o EM se avolumam. As vítimas são identificadas. Alguns dos criminosos idem. Mas a punição para os monstros não vem nunca.³²

³² “DELEGADO JÁ TEM CAIXÃO”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 nov. 1968. Edição matutina. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/4588. Acessado em: 10/12/2018.

Ainda que *Última Hora*, após meses de cobertura marcada pela concessão de uma plataforma aos membros da organização na forma da publicação das declarações de seu porta-voz, venha a condenar as ações do mesmo, pôde-se perceber no curso do primeiro ano de existência do grupo que este se constituiu, nas páginas de *UH*, em uma entidade de existência midiática. Esta, por sua vez, só teria sido possível na medida em que a produção do texto jornalístico possui proximidades históricas com gêneros ficcionais como o romance policial – mas não apenas esse. Mikhail Bakhtin, por exemplo, ressalta como os próprios gêneros de discurso representariam “tipos estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2007, p. 262), diferenciando-os entre gêneros “primários” e “secundários”, sendo estes conformados a partir de influências mútuas produzidas em contextos sociopolíticos e históricos específicos.

Ao assumir a perspectiva da conformação de estilos e gêneros dentro de um processo social e histórico, Bakhtin nos permite olhar para a configuração de estratégias e estruturas narrativas de cunho ficcional em paralelo com aquelas do discurso jornalístico e do gênero da notícia, as quais podem ser percebidas na cobertura do Esquadrão da Morte pelo jornal *Última Hora* em 1968. Tanto este quanto outros grupos de extermínio continuariam operantes no Rio de Janeiro no curso das décadas de 1970 e 1980, a qual testemunhou também a contínua militarização da política de segurança pública no estado, exemplificada pela formação de grupos considerados “de elite”, como o Batalhão de Operações Especiais (BOPE), da Polícia Militar fluminense, criado em 1978, e as Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA), da Polícia Militar de São Paulo, reformuladas em 1970 para o combate à guerrilha. Pode-se questionar se a cobertura conferida ao Esquadrão da Morte em 1968 por *UH* (e outros veículos de imprensa), inserindo-o dentro de um esforço semântico de construção narrativa da realidade social, não teria assistido em um processo de longa duração, de caráter ao mesmo tempo midiático e político, da normatização da letalidade como elemento integrante da política de segurança pública.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, Adriano. **Esquadrão da Morte: Um Mal Necessário?**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria Editora Mandarin Ltda., 1971.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa. Brasil (1900-2000)**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

COSTA, Márcia Regina da. 1968: O Esquadrão da Morte em São Paulo. In: Ana Amélia da Silva; Miguel Chaia. (Org.). **Sociedade, Cultura e Política: Ensaios Críticos**. São Paulo: EDUC, 2004, pp. 369-390.

_____. Rio de Janeiro e São Paulo nos anos 60: a constituição do Esquadrão da Morte. In: **XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1998, Caxambú-MG**. Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú – MG.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MELLO NETO, David Maciel de. **“Esquadrão da Morte”: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PAIVA, Raquel; GABBAY, Marcelo. Leitura crítica e cidadania: novas perspectivas. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba. Anais**. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Modernização e Concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: MOREL, Marcos e NEVES, Lúcia (org). **História e Imprensa. Representações Culturais e Práticas de Poder**. 1ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 426-435, 2006.

ROUCHOU, Joëlle. **Samuel: duas vozes de Wainer**. 2ª ed. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Acervo *Última Hora* de O Estado de S. Paulo. Disponível em:

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – Novembro de 2018

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/>